



Universidade de Brasília – UNB

PALAVRÃO E EXPRESSÃO DE SENTIMENTOS: QUAL A LIGAÇÃO?

Alban Aminou Zossou

Orientadora: Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues

Brasília

2021

Resumo

A questão da presença de palavrões no discurso é um fato de interação, apesar de as pessoas desprezarem ou não assumirem sua presença. Todavia, sabemos que as pessoas recorrem aos palavrões nas suas interações cotidianas para dizerem algo ou para exprimir algum sentimento. Nesse sentido, para entender melhor o porquê da presença de palavrões na situação interacional, coletamos dados a partir de um questionário de percepção aplicado com 15 participantes de perfis diferentes. A análise desses dados foi feita com base na sociolinguística interacional com foco nos postulados de contexto de enunciação (HANKS, 2008). A relevância deste trabalho se justifica pela importância social e pelo interesse acadêmico em relação ao uso de palavrões na sociedade e, ainda, pelo desprezo dessa mesma sociedade que rechaça esse uso por mais que ele seja importante na sua expressividade e sua precisão informativa no ato interacional.

PALAVRAS-CHAVE: Palavrão. Interação. Análise conversacional. Sociolinguística Interacional.

INTRODUÇÃO

Existe certa estranheza em torno do uso de palavrões, apesar de esse uso ser efetivo e presente nas interações diárias das pessoas. Esse fato social é confirmado e reiterado na manifestação do palavrão em diversos contextos de atos interacionais para expressar variadas mensagens, em especial aquelas carregadas de alto teor de emotividade que revelam a avaliação positiva ou negativa do falante quanto àquilo que diz. Diante desse cenário, decidimos estudar esse fenômeno com base na abordagem da Sociolinguística Interacional (Microsociolinguística), com o intuito de explicar os elementos proporcionadores do emprego de palavrões nas interações sociais. O objetivo principal é o de entender o que leva as pessoas a usarem palavrões quando elas estão inseridas em uma interação. Para tanto, começaremos, na primeira seção deste trabalho, trazendo a literatura sobre a noção de contexto e sua relevância nos estudos de interação no âmbito sociolinguístico. Na sequência, mostraremos como coletamos os dados que constituíram a base da nossa análise e, por fim, apresentaremos a análise desses dados.

O CONTEXTO NO ATO INTERACIONAL

O conceito de interação foi desenvolvido por autores tais como: William Labov, Gregory Bateson, Susan Philips, Erving Goffman, John Gumperz, William Hanks, entre outros, de acordo com diversos postulados, fazendo com que cada um desses autores contribuíssem no entendimento, na compreensão e na interpretação do ato interacional. Nesse sentido, a interação que se faz em presença física dos interactantes é o trabalho mais desenvolvido, porque a socialização acontece quando há interação que envolve as pessoas dentro de uma sociedade ou um grupo de pessoas. De fato, a interação face a face permite aos profissionais e analistas do ato interacional ter mais elementos de análise do que, por exemplo, uma interação via telefone, que não os fornece tantos elementos. Isso não quer dizer que analisar a interação via telefone seja de menor relevância, ao contrário, tudo depende dos objetivos a serem atingidos.

Todas as abordagens desenvolvidas para o ato interacional colocam a noção de contexto ou de contextualização da interação em primeiro lugar, pois, ele que fornece quase todos os elementos de interpretação. Assim, a teoria de fala, as abordagens griceanas e a teoria da relevância postulam que o contexto é construído pela enunciação no momento da conversação. Já, a psicolinguística e a linguística cognitiva tratam a noção de contexto a partir do individualismo dos falante (HANKS, 2008). Assim, essas abordagens reduzem a produção temporal dos falantes, o que dá ao contexto um caráter efêmero. Porém, nos estudos atuais de contexto, o coletivismo social é mais adequado para justificar e entender melhor a noção de contexto. Por isso, Hanks (2008, p. 174) define o contexto como:

Um conceito teórico, estritamente baseado em relações. Não há contexto que não seja “contexto de”, ou “contexto para”. Como este conceito é tratado depende de como são construídos outros elementos fundamentais, incluindo lingua(gem), discurso, produção e recepção de enunciados, práticas sociais, dentre outros.

Assim, a noção de contexto é entendido por outros autores com olhar para outros ângulos explicativos, mas sempre com o propósito da fala em uso. Assim, Gumperz (2003) traz o conceito de pistas de contextualização que são pistas de natureza linguística, paralinguística, prosódica, não verbais, entre outras, as quais recorreremos para assinalar nossos propósitos de comunicação. Desse modo, entende-se que, ao interagir, as pessoas se comunicam através dos recursos linguísticos e também de qualquer ferramenta que

possa participar da boa interpretação pelo ouvinte. Nessa direção,

as pistas de contextualização contribuem para a sinalização de pressupostos contextuais, acionadas na inferência conversacional, que dependem, entre outras coisas, do conhecimento sociocultural dos participantes nem sempre partilhados (OLIVEIRA e PEREIRA 2016, p.113)

Desse modo, Gumperz (2003) explica a noção de reconhecimento tácito em uma situação interacional, que é o olhar dos integrantes da conversa um sobre o outro. Goffman (2002, p.80) elaborou o conceito de situação social que ele define como sendo “a arena física absoluta na qual as pessoas presentes estão ao alcance visual e auditivo umas das outras”. Dessa forma, as pessoas inseridas na interação precisam se ver e se ouvir. Isso se justifica quando sabemos que as pessoas passam mais informações além do que elas falam no momento da conversação. Em outras palavras, as informações expressas linguisticamente no ato de fala não são as únicas fontes de possível interpretação, pois, os comportamentos não verbais são, também, potenciais fontes de comunicação de ações e intenções que podem ser entendidas apenas no reconhecimento visual dos interagentes inseridos na interação (TANNEN E WALLAT, 2002). O reconhecimento visual facilita e proporciona uma melhor interpretação e entendimento da fala de cada agente participante da interação. As expressões faciais dos interagentes, os gestos e a distância entre eles constituem inequivocamente elementos de base para interpretar as falas em um ato de interação Goffman (2002).

Nessa mesma lógica de interpretabilidade de contexto no ato da conversação, Gumperz (2003) traz elementos da inferência conversacional que “é o processo de interpretação situado ou estabelecido no contexto, a partir do qual os falantes avaliam intenções, planejam e produzem respostas” (OLIVEIRA e PEREIRA, 2016, p. 112). Entende-se que, para que o interlocutor entenda por completo o falante em ato interacional, é preciso levar em consideração imprescindivelmente, o contexto imediato do ato sem deixar de tomar como fonte as pistas linguísticas. Isso facilita a produção de respostas.

Como podemos perceber, no decorrer do tempo, as explicações entorno da noção de contexto se desenvolveram de acordo com diversas visões. Desse modo, uma visão mais recente com qual pretendemos trabalhar neste pesquisa é a de Hanks (2008). Para lidar de forma adequada com a noção de contexto, o autor criou dois subconceitos: a

emergência e a incorporação. A primeira reúne o campo social, definido como o lugar onde a interação acontece, ex: universidade, aeroporto, hospital etc; o cenário, definido como o momento da interação e as pessoas presentes quando a interação acontece; e por fim, o campo demonstrativo constituído pelos gestos e todos os aspectos visíveis pelos participantes (postura, o ato de apontar, o direcionamento do olhar, o tom de voz etc.). A segunda é o encaixamento do campo social, cenário e campo demonstrativo, que representa a ordem lógica da noção de contexto. Para o autor, no curso da vida social, esses elementos se encaixam, porque toda situação está ligada a um cenário e todo cenário não pode ser separado da semiose. Desse modo, esse encaixamento é necessário para entender a noção de contexto.

AS DEFINIÇÕES DE PALAVRÃO

Nesta sessão, apresentaremos parte dos dados coletados sob a forma de uma tabela com o intuito de contrastar a definição dos informantes do termo palavrão com a definição do mesmo termo dada pelos dicionários. Desse modo, inicialmente, reuniremos falas dos participantes da pesquisa que demonstram seu entendimento a respeito do termo *palavrão* para, em seguida, destacarmos o que lemos na definição formal dos dicionários. Essa parte nos abrirá o caminho para compreendermos os motivos condicionantes do seu uso.

Participante	Definições
<i>Participante 1</i>	<i>Para mim é uma interjeição! Termo que mais serve para pôr para fora uma explosão do que para identificar alguém ou alguma coisa. Qualquer palavra pode se transformar em palavrão se a intensidade da revolta escolher usá-la como palavrão, mas, em geral, o palavra implica uma comparação com algo ruim, indesejável</i>
<i>Participante 2</i>	<i>Uma expressão feia, não educada e bastante informal, usada para enfatizar algo no discurso.</i>
<i>Participante 3</i>	<i>São palavras de origem vulgar, geralmente sexual, que é considerada grosseria para parte conservadora da sociedade, principalmente religiosos. Com a finalidade de ofender ou divertir.</i>
<i>Participante 4</i>	<i>Palavra feia e de baixo calão que não é aconselhável ser proferida em contextos formais, entretanto em momentos de irritação acaba saindo em voz alta, tornando-se então uma forma de aliviar o stress.</i>
<i>Participante 5</i>	<i>A palavra certa para extravasar alguns dos sentimentos extremados do ser humano: espanto, dor, raiva, frustração...</i>

	<i>E por transmitir sentimentos intensos assim, normalmente não são ditos o tempo todo pelo falante ou o falante não confessa que os utiliza... até que a situação apareça!</i>
<i>Participante 6</i>	<i>O termo palavrão poderia estar referindo a uma palavra grande, mas direcionamos a palavras de uso restrito a momentos de descontração ou que remetem a momento de impulso ou expressão de sentimentos de ira.</i>
<i>Participante 7</i>	<i>Palavras censuradas ou censuráveis, normalmente relacionadas a sexo ou genitais e que todos usam mas são moralistas quanto a seu uso. Normalmente usadas em um contexto informal.</i>
<i>Participante 8</i>	<i>Uma catarse</i>
<i>Participante 9</i>	<i>Formalmente a definição seria uma palavra grande, o aumentativo de palavra. O uso coloquial da linguagem dá a palavrão o sentido de palavras ou expressões usada para expressar sentimentos inexplicáveis, ou seja que falta palavras convencionais para expressar. Assim, indignação, raiva, medo, surpresa, dor e, até mesmo, alegria pode ser externado através de palavrões.</i>
<i>Participante 10</i>	<i>Linguagem coloquial. Vular, mas ajuda a passar a raiva</i>
<i>Participante 11</i>	<i>Expressão de cunho informal em que as pessoas usam no momento de raiva ou intolerância.</i>
<i>Participante 12</i>	<i>Palavras de ofensas ou baixo nível, ternos que muitas vezes expressam sentimentos ou ideias ruins .</i>
<i>Participante 13</i>	<i>Palavras sobre as quais recaem preconceitos.</i>
<i>Participante 14</i>	<i>Palavras de baixo escalão que são utilizadas para expressar algum tipo de sentimento ou reação.</i>
<i>Participante 15</i>	<i>Palavra de baixo calão</i>

Fonte: autoria própria

De acordo com as definições que os nossos informantes deram ao termo *palavrão*, podemos eleborar os traços semânticos que o caracterizam. Desse modo, os possíveis traços semânticos identificados no *corpus* são:

- Palavra interjetiva
- Palavra de expressão de diversos sentimentos
- Palavra feia, de baixa calão
- Palavra grande/pesada
- Palavra censurável ou censurada
- Palavra não assumida pelo falante
- Palavra de origem vulgar

- Palavra para ofender ou divertir

Assim, foram expostos os traços semânticos de palavrão, de acordo com o entendimento dos informantes da nossa pesquisa. Podemos notar aqui duas possíveis formas de interpretar esses traços. A primeira se refere ao desprezo social que há de uso de palavras consideradas como sendo palavrões, o que nos leva a reafirmar a nossa ideia de que uma parcela considerável da sociedade brasileira não assume esse uso nos seus atos interacionais cotidianos. Em termos mais claros, todo mundo usa, porém todo mundo não se assume explicitamente como usuário.

A segunda possível interpretação que podemos fazer, levando em consideração esses dados, é que as pessoas recorrem a palavrões para expressar diversos tipos de sentimentos. As pessoas precisam deixar claros seus sentimentos, porque é isso que dá a liberdade. Na língua portuguesa, usar palavrão é uma das formas mais precisas de dizer o que sentimos (ORSI, 2011).

Diante dessas definições que coletamos, queremos agora contrastá-las com as definições que estão nos dicionários. Utilizamos o dicionário online dicio.com, consultado no dia 19 de maio de 2019. Ele define *palavrão* como palavra “obscena, grosseira ou pornográfica, cujo uso pode ofender a quem dela é alvo; palavrada”. O mini dicionário HOUAISS de 2015 o define como: “Palavra obscena, grosseira; palavrada”. O dicionário AURÉLIO de 2004 o define como sendo: “Palavra obscena ou grosseira; palavrada.” Assim, as primeiras palavras que definem *palavrão* chamam a atenção. “Obscena, grosseira e pornográfica”. De acordo com essa interpretação, quando falamos de palavrão, estamos nos referindo a atos obscenos que são censurados ou devem ser censurados.

Desta forma, vale fazer entender que, o que se entende por palavrão tem duas perspectivas de interpretação e de definição. Uma perspectiva individual e prática, que é a do falante e a perspectiva coletiva e teórica, nem sempre embasada em pesquisa de campo, que é a do dicionário (desenvolvida em equipes e assinada por uma pessoa. A perspectiva do usuário e a perspectiva do dicionário, porque, de acordo com os informantes, ao usar nas suas interações cotidianas, eles expressam apenas sentimentos, e a perspectiva dos dicionários que atribui caráter pornográfico e obsceno. Para enfatizar esse raciocínio, utilizamos a definição de outro dicionário online

dicionárioinformal.com.br¹. Desta vez, trata-se de um dicionário de uso informal que define palavrão como sendo:

Um grupo de palavras que são consideradas, em meio a sociedade, vulgares e desnecessárias. São utilizadas para definir exageros, para xingamentos ou para expressar raiva.

Notamos nesta definição que o termo palavrão não se reporta apenas a atos pornográficos ou obscenos, como nos dicionários formais. Em momento algum a interpretação é tão simplista, uma vez que alcança também uma interpretação de expressão de sentimentos e de emoções, e destaca o desprezo social relativamente ao palavrão. Nesse dicionário informal, portanto, podemos perceber uma aproximação entre a definição que está registrada e as definições apresentadas pelos participantes.

ANÁLISE A PARTIR DA NOÇÃO DE CONTEXTO

O refinamento dos estudos sobre o contexto é importante, por expressar a precisão que liga os sistemas linguísticos, os processos cognitivos, e o uso da língua, e como eles são co-articulados. Como podemos perceber, não há uma explicação exata de contexto com o intuito de analisar dados linguísticos de interação. Os diversos postulados trazidos à tona justificam esse fato. Desse modo, esta parte quer se basear nos postulados de contexto elaborados por Hanks (2008). Assim, as frases dos participantes da pesquisa serão analisadas explicando a adequação dos palavrões aos campos sociais proporcionados pelos cenários. O campo demonstrativo não será preciso, já que o caráter da pesquisa é de cunho perceptivo, para entender o imaginário do falante ao usar palavrões. Sendo assim, as explicações serão fechadas, vendo como o campo social e o cenário se encaixam para dar a precisão contextual que permite a interpretação exata do sentido dos palavrões. Consideramos como exemplo de base as sentenças seguintes:

Puta que pariu não aguento mais (P 8, fala 4)

Puta que pariu, estou com um azar da porra! (P 3, fala 2)

O palavrão aqui usado é “puta que pariu”. O seu uso nas duas sentenças expressa

¹ Consultado no dia 22 de março de 2019

dois fatos distintos, ou seja, podemos notar que nas duas sentenças, a mesma palavra possui um caráter semântico diferente. Para fazer essa análise, vamos pegar como campo social “o lar familiar”, onde irmãos estão em uma conversa corriqueira. Podemos imaginar um cenário para a primeira sentença, que é, por exemplo, dois irmãos estão no quarto, enquanto os pais não estão em casa, conversando sobre decepções amorosas e problemas profissionais. Eis o contexto colocado.

Podemos imaginar que um está desabafando, para o outro, sobre sua última decepção amorosa. Por ter passado várias vezes por situações semelhantes, por querer estar com alguém que o ame, e por ser uma pessoa responsável que se dedica às suas relações amorosas; e por ainda não achar a alma gêmea certa para compartilhar uma vida amorosa digna dos sonhos, esse irmão, no decorrer da conversa, solta a frase “Putá que pariu! Não aguento mais”. Ele estaria mostrando, por meio dessa expressão, toda sua frustração de não se dedicar e nunca achar a pessoa certa para sua vida. Assim, a relevância topical, entendida por Hanks (2008) como a centralização no objeto e no assunto, foi cumprida, dado que a fala do informante se enquadra perfeitamente ao assunto em discussão. Assim, as expectativas de compreensão mútua entre os dois irmãos se justificam e a intencionalidade expressiva é entendida pelo interlocutor.

Mantendo o mesmo contexto descrito, e mantendo a relevância tópica como base de análise, podemos imaginar o segundo irmão que, ao contrário do seu irmão, tem mais sorte em relações amorosas. Apesar de ele não se dedicar muito nas relações, ele sempre acha alguém que queira se dedicar por ele e pela relação. Porém, em relação ao trabalho, ele não tem sorte de achar um trabalho digno para a sua formação. Por pouca coisa, ele não foi aceito nas últimas ofertas de trabalho que ele se candidatou. Nesse sentido, para manifestar sua tristeza, ele afirma: “Putá que pariu! Estou com um azar da porra”. Essa sentença expressa exatamente o que esse falante sente e a afirmação do irmão expressa a precisão do seu ressentimento amoroso. Em ambos os casos, os sentimentos são de frustração. O uso do termo revela, assim, percepção negativa.

Mantendo a fórmula da projeção de cenários ou contextos de interações possíveis de uso dos palavrões, elegemos mais duas sentenças para dar sustentáculo a nossa análise:

Não era pra derrubar isso aí, não, “Porra”! (P5, fala 5)

Porra, que lindo! (P 6, fala 3)

O palavrão em jogo aqui é “porra”, usado para manifestar dois sentimentos

diferentes nas duas sentenças. Para a análise do contexto, podemos imaginar como social para a primeira sentença o lar familiar. O cenário é que a mãe, sentada na sala, pede para o filho buscar o chá que ela tinha feito e estava esperando o chá esfriar para tomar. O filho vai buscar esse chá e por distração acaba derrubando o chá no chão e quebrando a linda taça especial da mãe. Lembrando que essa taça é especial para a mãe, porque ela ganhou como presente de casamento de uma amiga de infância com quem ela tem mais de trinta anos de amizade. Nessa situação toda, a mãe acabou soltando a seguinte frase para o filho: “Não era pra derrubar isso aí, não, “Porra”!”

Por essa afirmação da mãe, podemos imaginar a mágoa dela, por ser obrigada de fazer de novo um outro chá, por ser obrigada de limpar o chão e sobretudo por perder uma taça que tem um valor emocional imensurável por ser presente de uma amiga especial. Em um breve instante tudo isso passou pela cabeça. O resultado dessa mágoa foi de expressar com precisão o que ela sentia através de palavras. Diante desse contexto, será impossível ao filho não entender que a mãe está brava com o seu ato, por mais que ele não foi feito voluntariamente, mas por falta de concentração. Por mais que a mãe não dissesse ao filho que ela está muito chateada com ele, o filho, a partir do contexto, entendeu muito bem esse ressentimento emocional da mãe. Como podemos imaginar, o caráter implícito é uma das características essenciais da língua, e ao inferir no contexto tudo se torna muito claro (HANKS e BONHOMME, 2009).

A segunda sentença cujo contexto pode ser apresentado da seguinte maneira. O campo social é uma universidade pública ou particular, no horário de almoço. Duas amigas da mesma faculdade indo ao restaurante universitário para almoçar. No caminho, uma mostra a outra o colar que ela tinha acabado de ganhar do namorado, poucas horas antes das duas se encontrarem. Um presente de surpresa. Assim, ao estar muito feliz pela amiga de ter recebido um presente tão lindo, ela manifesta seu sentimento de alegria dizendo: “Porra, que lindo!” Com essa demonstração de alegria, a amiga, além de apreciar a lindeza do colar e de se encantar por ela, ela pode estar demonstrando também sua felicidade pela amiga de ter um namorado tão atencioso e dedicado à relação. Isso mostra o nível de intensidade de envolvimento entre as duas amigas. O uso do termo revela, então, percepção positiva.

Para resumir, cada um dos aspectos que descreveram e que constituem o contexto se incorporam para formar esse contexto. Por isso Hanks (2008, p. 190) assinala que:

Incorporação é um processo no tempo, e um estudo adequado do contexto no nível dos campos sociais deve observar a ordem temporal das ocupações, incluindo as ocupações das pessoas, dos objetos, dos lugares, e das ações no curso do tempo das organizações.

Ao considerar as afirmações dos participantes trazidas para a nossa análise, não podemos dizer que não houve uma adequação linguística ao campo social. Em outras palavras, os palavrões usados não foram usados sem adequação ao contexto onde a interação acontecia; todos os usos foram contextualizados. Isso é um hábito natural do ser humano no processo interativo. De acordo com os estudos linguísticos, o conceito de *habitus* (HANKS, 2008) leva em conta os gêneros do discurso, as formas corriqueiras de falar e de interpretar o discurso, os hábitos mentais implícitos para a representação do mundo pela língua. Assim, adequar-se ao contexto é uma característica humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise desenvolvida neste estudo em que se pretendeu entender o que leva as pessoas a usarem palavrões quando estão inseridas em uma interação, consideramos importante destacar que as pessoas usam palavrão nas suas interações cotidianas para expressarem uma gama de sentimentos e emoções. Isso porque o uso do palavrão acertado para determinado contexto garante a precisão e assegura ao falante a expressividade adequada. Consideramos relevante ressaltar também que, quer a sociedade aceite ou não, os palavrões fazem parte do léxico popular. Por mais que seu uso seja ainda tabu em determinados contextos da sociedade, não podemos negar o fato de que usar palavrão é um fato social e que faz parte das práticas sociais de interação e de socialização. Tudo dependerá, conforme pontuado no texto, do contexto de uso e do propósito de uso. Apenas o ato interacional pode dar a clareza em relação ao uso do palavrão. Assim sendo, consideramos que há uma estreita ligação entre palavrão e sentimentos que é veiculada pelos sentidos instaurados na interação e permeada pelas relações estabelecidas no evento. Destacamos, por fim, que, na maioria das vezes, as pessoas nem se sentem ofendidas em escutar ou usar palavrões, pois, de modo geral, na hora de interagir, quer o sentido esteja direcionado para a percepção positiva ou negativa dos palavrões, a intenção e o foco estarão sempre em dizer algo ou escutar e entender o dito de alguém.

REFERÊNCIAS

- DE OLIVEIRA, Maria do Carmo L; PEREIRA, Maria das Graças D. A Sociolinguística e Análise do discurso. In: MOLLICA, Maria Cecilia; FERRAREZI, Celso Junior. **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2016, p. 123-134.
- DICIO.COM disponível em < <https://www.dicio.com.br/palavra/> > acesso no dia 19 de maio de 2019.
- DICIONARIOINFORMAL.COM.BR disponível em < <https://www.dicionarioinformal.com.br/palavr%C3%A3o/> > acesso no dia 19 de maio de 2019.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa**. Coordenação de edição Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; equipe de lexicografia Margarida dos Anjos... [et al].- ed. Ver. Atualiz – Curitiba; Positivo 2004.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GOFFMAN, Erving. Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística Interacional**. Porto Alegre: Edições Layola, 2002, p. 107-148.
- GRICE, Paul. Logic and conversation. In: COLE, P; MORGAN, J.L. (Ed) **Sintaxe and semantics**. New York: Academic Press, 1975.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Os Limites de Sentido, Um Estudo Histórico e Enunciativo da Linguagem**. Campinas, SP. Pontes, 1995.
- GUMPERZ, John J. **Discourse strategies**. Vol. 1. United Kingdom, Cambridge University Press, 1982.
- GUMPERZ, John J. Interactional Sociolinguistics: a personal perspective. In: SCHIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi E. **The handbook of discourse analysis** (Eds). Australia. Blackwell, 2003.

HANKS, William F. **Língua como prática social**: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. Org. e Tradução Anna Christina Bentes, Renato Cabral Rezende, Marco Antônio R. Machado. São Paulo: Cortez, 2008.

HOUAISS, A.; FRANCO, F. M. M.; VILLAR, M. S. **Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia. 1. Ed.- São Paulo: Moderna, 2015.

ORSI, Vivian. Tabu e preconceito linguístico. *ReVEL*; v. 9; no. 17; 2011

TANNEN, Deborah; WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Edições Layola, 2002, p. 183-214.